

Bolsa: autonomia ou fim das opções.

Se o mercado continuar "ao sabor de liminares" e a Justiça não reconhecer que a Bolsa tem condições de

se auto-regu-

lamentar,

as ope-

ra-
ções
com
opções
poderão
ser sus-
pensas
na Bolsa
de Valo-
res de
São Paulo.
O alerta foi
feito pelo
presidente
da Bovespa,
Eduardo da
Rocha Aze-
vedo, que na
última terça-
feira entrou

na Justiça com

uma queixa-crime

contra Naji Nahas.

O empresário, em entrevista, acusou Azevedo de ter agido com base em interesses pessoais e políticos.

Segundo Rocha Azevedo, a intenção da Bolsa ao tentar forçar Nahas a liquidar antecipadamente, no início deste mês, parte de suas posições no mercado de opções, era proteger seu patrimônio. Não existiam vencidos, pois os vendedores das opções estavam com posições travadas, ou seja, estavam atuando também como compradores. Mas se Nahas exercesse seu direito de compra e não pagasse (o pagamento pode ser feito em até cinco dias úteis), a Bolsa teria de bancar. E o volume superava o seu patrimônio.

Como disse Azevedo, investidores isolados não podem pôr em risco o patrimônio da instituição. Por isso, se a Bolsa não puder agir para evitar a concentração de operações nas mãos de alguns investidores, "terá de rever a situação do mercado de opções".

No exercício de dezembro último, de acordo com Luís Masagão Ribeiro, presidente da Bolsa Mercantil & de Futuros, a Bovespa teve de cobrir mais de Cz\$ 400 milhões de débito de uma corretora, que só pagou em 8 de janeiro.

A atitude de Rocha Azevedo vem recebendo apoio dos dirigentes do mercado. Ontem mesmo, a BM&F, a Ancor (Associação Nacional das Corretoras de Valores) e os presidentes das Bolsas do País, reunidos em assembleia da Comissão Nacional das Bolsas, apoiaram sua decisão de entrar na Justiça contra Nahas.